

Prazer de ler: a mágica de Harry Potter

Sissa Jacoby*

A maioria das pessoas, quando lhes perguntam quais livros foram mais marcantes em suas vidas, lembram de alguma leitura de infância. A literatura juvenil é tão importante em nossa cultura porque as histórias que ela conta repetem uma espécie de mito fundador da modernidade: um conto de criança que trata do heroísmo de crescer, se tornar independente, se afastar do amparo dos adultos, descobrir e inventar um destino diferente, autônomo. Em suma, é na literatura juvenil que aprendemos a ser modernos.

Contardo Calligaris

Talvez nunca tenha sido tão difícil pensar a infância, desde sua emergência em finais do século XVII, quando ganhou *status* de fase diferenciada da vida adulta, com especificidade e características próprias, quanto neste início de milênio. Se a tarefa já é complexa no presente, tanto mais se tentarmos projetar para daqui vinte, trinta anos um perfil de infância possível.

A complexidade do tema na atualidade evidencia-se sobremaneira quando procuramos responder à primeira pergunta que se impõe: quem é a criança que cruzou o portal do século XXI?

Qualquer tentativa de encontrar uma resposta não poderá jamais estar dissociada da investigação acerca da produção cultural destinada à criança em nossa sociedade. Também não se pode esquecer o fato de que essa mesma produção é resultado das diversas e muitas vezes radicais transformações por que passou a cultura, em seu sentido mais amplo, nas últimas décadas, influenciada, entre outros fatores, principalmente pela aceleração do tempo como resultado das novas tecnologias de comunicação.

* Doutora em Letras /PUCRS.

Nesse sentido ganha vulto a preocupação com aquilo que está sendo consumido pelos pequenos, de modo geral, principalmente através da televisão e do computador. Este, acusado de alienante quando utilizado como videogame, suporte para os mais diversos tipos de jogos, capaz de absorver a atenção de infantes e adolescentes por longos períodos do dia ou por dias inteiros. Além disso, representa também uma porta aberta a qualquer tipo de informação, desejável ou não, para a criança que acaba tendo livre acesso à infinidade de *sites* à sua disposição na rede. A televisão, por seu turno, é a primeira a ser responsabilizada por qualquer manifestação de agressividade revelada pelos jovens de hoje, que teriam nas cenas de violência dos desenhos e programas de TV sua maior influência. É a TV, ainda, a grande vilã que surrupia a infância e acelera o ingresso na vida adulta, através da erotização precoce e do incentivo a um modelo de comportamento que tem na cultura ao corpo e na sedução suas premissas básicas, veiculadas diariamente nas telenovelas e nos programas de auditório em geral.

Com relação à violência, sabe-se, contudo, que ela sempre fez parte da vida humana, estando, por isso mesmo, presente em todo tipo de manifestação cultural que diga respeito ao modo de ser e agir do homem. Como observa Yves de La Taille, em "Televisão, violência e infância", a pergunta a ser feita não é se a violência está presente ou não nas manifestações culturais oferecidas à criança e ao jovem de hoje, mas sim como é interpretada do ponto de vista dos valores. Comparando os programas atuais com o seriado Zorro, bastante popular décadas atrás, La Taille distingue o uso ou o motivo da violência nessa personagem da TV de seus similares contemporâneos. Enquanto o herói mascarado empregava a violência em último caso, somente quando os recursos da inteligência se mostravam insuficientes, os heróis atuais, via de regra, a utilizam como recurso legítimo e superior ao uso da inteligência. Se Zorro lutava contra a injustiça e pela coletividade, contextualizado em um conjunto de valores que transcendiam a violência, o herói atual apresenta-se completamente destituído de qualquer preocupação com tais valores:

O motivo da violência é, freqüentemente, aniquilar o outro, não porque é injusto, mas simplesmente porque fere interesses pessoais, porque ele representa o "não-eu". A violência traduzida pela força bruta de músculos e armas poderosíssimas é apresentada com único e legítimo recurso. A violência não visa apenas neutralizar o adversário, mas sim destruí-lo por completo, matá-lo. E a recompensa é o poder e a glória (La Taille, 2001, p. 2).

La Taille defende a idéia de que o importante, o que deve ser levado em conta não é a presença ou ausência da violência nos programas de TV, mas sim o tratamento ético dado a ela:

A televisão não gera a violência, mas pode participar de um processo que a autoriza, a legitima, a glorifica.

Se a violência tem aumentado na sociedade ocidental [...] não é apenas em razão das condições sociais (desemprego, exclusão social), mas também pelo fato de muitas pessoas a ela associarem sua auto-estima, sua identidade. Trata-se de um fenômeno cultural amplo, do qual a TV é apenas uma parte. (La Taille, 2001, p. 2).

O artigo de La Taille, datado de 18 março de 2001, é ilustrado por uma foto do herói de Dragon Ball Z – seriado de televisão que exhibe o desenho animado japonês –, seguido da legenda: "Dragonball Z". Assiste-se a uma sacralização da violência, o que pode levar jovens a construírem sua identidade em torno dela".

Quase um ano depois, no mesmo jornal, mas no suplemento infantil Folhinha, a crítica de cinema é encimada pela manchete: "Festival de golpes", e ilustrada pela foto de outra cena de Dragon Ball Z. O resenhista (8 anos, 3ª série) inicia o texto com o seguinte comentário:

Adorei ter assistido a "Dragon Ball Z – A Batalha nos Dois Mundos", que irá passar nos cinemas a partir do dia 18 de janeiro. Quem acompanha a série pela TV vai gostar muito. É um festival de socos, chutes e golpes. (Folha de São Paulo, 12 jan. 2002; grifos meus).

Dragon Ball Z é mais um desenho animado japonês que surgiu, assim como Digimon, na esteira do caminho aberto por Pokémon, que estreou no Brasil em 1999. Oriundo de um jogo eletrônico, criado em 1996 por dois jovens japoneses, Pokémon gerou, além do desenho animado, filme e uma infinidade de produtos consumidos por crianças no mundo inteiro. A tônica do seriado é a violência no sentido de que estimula a competitividade através de batalhas em que a personagem principal procura tornar-se o maior mestre Pokémon do mundo derrotando os demais líderes. Para o primeiro semestre de 2002 estão previstos mais oito novos desenhos japoneses na mesma linha dos três primeiros.

O aspecto da violência explícita é apenas uma faceta das tendências da produção cultural destinada à criança em nossos dias. Outra, relevante e merecedora de estudo, é a manipulação e mercantilização do público infanto-juvenil a partir do licenciamento de produtos os mais diversos, ligados aos desenhos animados e seus heróis.

O Brasil é um dos cinco maiores consumidores de produtos licenciados a partir de seriados de TV e cinema, juntamente com EUA, Japão, Inglaterra e Alemanha. Somente em 2001, foram movimentados no país aproximadamente R\$ 2,2 bilhões. Pokémon, considerado um dos maiores sucessos na área de licenciamentos, faturou, desde sua estréia, mais de R\$ 250 milhões, com 230 produtos, no Brasil. No mundo foram 18,5 milhões de games e 5 bilhões de *cards*.

Respaldados por uma campanha progressiva e cuidadosamente planejada, os heróis transpostos para o cinema já chegam com sua saga de sucesso traçada, pontilhada por bonecos, discos, cadernos, revistas, peças de vestuário (camisetas, meias, pijamas, moletons), bijuterias, produtos comestíveis (iogurtes, biscoitos, chicletes, doces, etc.). O lançamento no mercado obedece a um esquema gradativo de reforço e manutenção. Um ano antes começam a ser criados os produtos. Aos dez meses, é a vez dos pôsteres, *banners* e *displays*, que passam a ser colocados em pontos estratégicos. Com seis meses de antecedência iniciam-se as exibições de trailers. O filme "O senhor dos anéis", por exemplo, bateu recorde de *downloads*, na Internet: 1,7 milhão em 24 horas. Um lote com os principais produtos (brinquedos e peças de vestuário) invade o mercado dois meses antes da exibição do filme, secundado por uma nova linha (chicletes, doces, álbum de figurinhas e material escolar) faltando 20 dias. Quinze dias antes da estréia entram os comerciais de TV, anúncios em jornais e *outdoors* divulgando o lançamento cinematográfico. Nas primeiras semanas, eventos em *shoppings*, promoções nos cinemas e visibilidade máxima nas vitrines de lojas reforçam o lançamento. Após a saída de cartaz, o filme é lançado em vídeo e DVD.

De modo geral, o mercado de licenciamento tem sido alimentado pelos produtos culturais oriundos da TV ou do cinema, a partir de heróis de desenhos animados, de filmes – personagens dos filmes da Disney (Rei Leão, Pocahontas, etc.) acompanhados nos últimos anos pelos desenhos japoneses – e/ou de apresentadoras de programas infantis (Xuxa, Angélica, Eliana). Também ocupam espaço significativo e considerável os produtos derivados das HQs, como a *Turma da Mônica*, para ficar apenas com um exemplo nacional, representada por uma linha tão extensa quanto variada.

Entretanto o fenômeno mais recente de herói reproduzido juntamente com seus objetos mágicos, que dominou as manchetes de jornais e revistas pelo sucesso alcançado em todo o mundo, não veio nem da TV nem do cinema, mas das páginas de um livro, o

primeiro de uma série recém criada e destinada ao público infanto-juvenil. Trata-se de Harry Potter, o novo herói de crianças, adolescentes e até adultos, pois o alvo extrapolado desde o primeiro volume expandiu a fronteira de leitura às mais diferentes idades:

Eu li o primeiro por que me deu curiosidade em saber o que era que meu filho lia sem parar. Não só ele como também as crianças da escola e do prédio. Eu amei, adorei. Agora, eu estou querendo ler o segundo e quero ir ao cinema ver o filme. (Lúcia Fernandes, 38 anos). (Jornal da Lillian, 22 nov. 2001).

No Reino Unido, berço do novo herói, a editora inglesa chegou a providenciar edições adultas, com elegantes capas em preto e branco, devido à quantidade de pais que, demonstrando algum constrangimento, liam os livros de Harry Potter no metrô.

Ao contrário de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, publicado entre 1954 e 1955, que teve o interesse do leitor atual despertado a partir de sua transposição cinematográfica, no final de 2001, *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J. K. Rowling, constituiu-se primeiro no maior fenômeno de leitura dos últimos tempos, entre crianças, jovens e adultos, em diversos países, antes de ser roteirizado para exibição na tela grande. O filme e os produtos licenciados, seguindo a inevitável tendência à mercantilização por que passa a produção cultural hoje, são apenas uma decorrência do sucesso estrondoso de leitura alcançado pelos quatro livros da nova autora britânica. Rowling conseguiu reencantar leitores das mais diferentes faixas etárias com a história de um órfão, rejeitado por seus parentes mais próximos, por ser bruxo como seus pais, que passa a viver numa escola de bruxos, em um mundo paralelo ao real de seus tios. Cada novo livro equivale a um novo ano estuado de Harry Potter, que, assim, vai crescendo e participando das mais surpreendentes aventuras, juntamente com seus amigos, enquanto vai buscando, também, as chaves para decifrar mistérios ligados ao seu passado e de seus pais.

O segredo de tanto sucesso vem sendo discutido por pais, educadores, psicólogos e até críticos como o polêmico norte-americano Harold Bloom – de quem mereceu uma resenha escrita para o *Wall Street Journal* –, ou por Philip Hensher, do jornal inglês *Independent*, por exemplo, indignado com o que ele chama de "infantilização da cultura". As opiniões variam desde o entusiasmo com o fato de crianças de oito, dez anos estarem lendo centenas de páginas espontaneamente e querendo mais, até a preocupação com a idolatria do novo herói ou a discussão se os livros de J. K. Rowling têm ou não potencial para virarem clássicos.

Em entrevista à revista *Veja*, respondendo à pergunta "qual o papel da literatura num mundo dominado pelas mídias visuais?", Harold Bloom menciona sua preocupação com autores que ele considera grandes, como José Saramago, mas cujas obras podem ser de difícil adaptação para essas mídias, diferentemente do que ocorre com as obras de Shakespeare, Cervantes, Dickens, por exemplo:

Acho que num mundo dominado pela imagem livros difíceis como os dele [Saramago] poderão deixar de ser lidos em vinte ou trinta anos. As crianças estão crescendo cercadas por telas. A longo prazo, não sei qual pode ser o efeito disso sobre a capacidade das pessoas de ler para buscar não apenas informação, mas sabedoria e autoconehecimento.

Apesar dessa constatação, para Bloom, o fenômeno Harry Potter não é encorajador como uma possível porta de entrada para despertar o interesse pela literatura, por dois motivos: a linguagem, que ele considera cheia de clichês:

Li apenas uma das obras dessa autora. A linguagem é um horror. Ninguém, por exemplo, "caminha" no livro. Os personagens "vão esticar as pernas", o que é obviamente um clichê. E o livro inteiro é assim, escrito com frases desgastadas, de segunda mão.

e o fato de o livro ter sido mencionado por Stephen King como preparador de futuros leitores dele (Stephen King):

É um dos piores escritores da América, Stephen King (ele é terrível, não consigo ler nem dois parágrafos do que escreve) confirmou minhas suspeitas numa resenha que escreveu para o jornal *The New York Times*. Segundo ele, as crianças que aos 12 anos estão lendo Potter aos 16 estarão prontas para ler os seus livros. Preciso dizer mais? Os Estados Unidos são um país em que a televisão, o cinema, os videogames, os computadores e Stephen King destruíram a leitura.

Por seu turno, Philip Hensher, em artigo traduzido pela *Folha de São Paulo*, embora reconheça que Harry Potter é um fenômeno espantoso, mostra-se bastante irritado com o fato de o volume três ter sido indicado para um dos maiores prêmios de literatura da Inglaterra, o Whitbread de literatura infantil e, mais ainda, pelo fato de muitas vozes terem sugerido que o prêmio infantil é pouco e que os livros mereciam o prêmio Whitbread maior:

Já é hora de dar um basta nisso. A onda toda está sendo seriamente exagerada, e, por tremendamente benéficos que os livros possam estar sendo para a geração de jovens leitores, chegou a hora de afirmar que existe um limite aos elogios. [...] Se perguntarmos, porém, se

são livros realmente notáveis, dificilmente poderemos responder que sim. E se, como deveriam fazer os juizes do prêmio Whitbread, nos indagarmos se os livros têm potencial para virarem clássicos, então a resposta será quase certamente "não".

Hensher procura justificar sua posição relativizando o sucesso dos livros ao atribuir à familiarização das crianças com as convenções que regem as histórias sobre escolas internas o gosto pelas narrativas de Rowling. Segundo ele, tudo que acontece nesse mundo fechado é certo e conhecido, sendo, por isso mesmo, tranquilizador para a criança. Também no que toca à magia e ao sobrenatural, diz que o leitor encontra exatamente o que quer ver, pois as histórias percorrem todo o caminho convencional entre feitiços, vassouras mágicas, magos, feitiçeiros, sem que apresente nada de desconhecido ou assustador.

A verdade é que nunca tantas crianças leram tantas páginas em tão pouco tempo e com tanto entusiasmo. Maria Spínola e Castro, de 10 anos, por exemplo, diz *ter lido quatro vezes o primeiro livro da série, o segundo, mais de quatro vezes o terceiro e está lendo o quarto pela segunda vez*. É importante lembrar que, somados, os quatro volumes beiram um total de 1500 páginas.

Também é um fato que esse entusiasmo vem se mantendo crescente desde junho de 1997, data do lançamento do primeiro título, *Harry Potter e a pedra filosofal*, no Reino Unido (abril de 2000, no Brasil), até julho de 2000 (julho de 2001, no Brasil), quando foi lançado o quarto volume, *Harry Potter e o cálice de fogo*, do que, então, já havia virado uma série. Este, com 584 páginas (outro dado interessante é que o número de páginas também é crescente a cada título), liderou a lista de mais vendidos, da livraria *on line*, Amazon.com, em janeiro de 2000, ou seja, seis meses antes de existir. E a autora não decepcionou, como comprovam leitores entrevistados pelo suplemento infantil da *Folha de São Paulo*, Folhinha:

Sem dúvida, esse [*Harry Potter e o cálice de fogo*] é o melhor dos quatro. Primeiro porque é maior e por isso você se envolve mais com o livro. Depois porque esse, de todos, tem o melhor roteiro, mais revelador, e conta coisas que você não tinha a menor idéia que iriam acontecer (Pedro Costa, 13 anos – 7ª série).

Ele só perde para o número dois, que é melhor porque tem mais suspense e dá um frio na barriga. O quarto tem mais emoção, por causa dos comensais da morte (Guilherme Costa, 10 anos – 4ª série).

Esse foi o melhor porque é o que tem mais aventura, e eu gosto de livro de aventura. A história se passa quando Harry entra no quarto ano de Hogwarts (Daniel Porto Lins da Silva, 9 anos – 4ª série).

Digno de nota também é o fato de que, mesmo em relação ao filme – que quebrou recordes no Brasil, assim como nos Estados Unidos, enchendo as salas de cinema, e, de modo geral, correspondendo ao esperado pelos leitores (crianças que estão crescendo cercadas por imagens, segundo Harold Bloom) –, o livro continua levando vantagem. Ao responder à pergunta se imaginava como seria o filme enquanto lia o livro, em entrevista à revista *Época*, Denise Schnyder (12 anos – 4ª série) demonstra clara preferência pela leitura: *Imaginava as cenas, mas acho que nem precisava do filme. Por mim já estava satisfeita com o livro.* Para Lucas Bianchini (12 anos – 5ª série), por exemplo, nada se compara às possibilidades liberadas pela leitura:

Quem for ler o livro depois de ver o filme não vai poder imaginar muito porque já viu as imagens no cinema. *E os livros podem ter cenas impossíveis, os efeitos especiais são melhores. Nas páginas pode acontecer de tudo.* (Revista *Época*, Cultura, 19 nov. 2001) (grifos meus).

Na verdade, são muitos e muito bem selecionados os ingredientes que J. K. Rowling misturou no caldeirão mágico que deu origem às histórias de Harry Potter. Sentimentos universais como amor, companheirismo, amizade, medo, maldade, solidariedade, a eterna luta entre o bem e o mal compõem mesclados com poderes mágicos, bruxarias, feitiços, numa rotina escolar que, embora se assemelhe à rotina da vida real de crianças da mesma idade, traz o atrativo do sobrenatural, do diferente, criando situações inusitadas de fantasia, aventura e suspense em que as soluções não são aquelas com as quais o leitor está acostumado a lidar no dia-a-dia do mundo convencional.

Nesse mundo paralelo, as possibilidades são outras, são aquelas que todos, crianças e adultos – que já foram crianças um dia – gostariam de experimentar pelo menos uma vez na vida: poderes especiais, varinhas mágicas, vassouras voadoras, palavras encantadas; a atração pelo desconhecido, o encontro com seres mitológicos como centauros, elfos, gigantes e dragões, ou demoníacos como Voldemort, o lorde das trevas, a própria encarnação do mal e do terror, ou ainda os estranhos e temidos dementadores, guardiões da prisão de Azkaban, capazes de sugar energia humana. Nesse mundo paralelo, espaços mágicos encantatórios ou aterrorizantes apelam à curiosidade do leitor arrastando-o para uma outra realidade cheia de surpresas, como a floresta vizinha ao castelo de Hogwarts com seus insuspeitados perigos e animais monstruosos; o portão invisível na estação de trens de Londres, que só os bruxos enxergam, porta de entrada para essa realidade mágica;

o povoado de Hogsmead, com suas tabernas aconchegantes e cervejas amanteigadas; o próprio castelo-escola, com suas portas secretas e fantasmas seculares; o Banco de Gringotes, com seus labirintos subterrâneos servidos por carrinhos sobre trilhos e seus esquemas de segurança protegidos por duendes.

Fica evidente, como tem sido comentado pela crítica, o recurso de Rowling a modelos literários consagrados na aproximação com o conto maravilhoso, o conto de fadas, o romance policial, de aventura, de suspense. Harry Potter também tem um pouquinho de cada um dos muitos heróis infanto-juvenis que vêm encantando leitores através dos tempos. É um pouco Cinderela, no seu desamparo, nas injustiças e crueldades infligidas pelos tios e pelo primo gorducho; sua cama não é junto ao fogão mas num armário, embaixo de uma escada. O pequeno bruxo também tem um padrinho, que só vai conhecer no episódio do terceiro volume e que o protege e o ajuda a vencer obstáculos. À semelhança de Cinderela, que se descobre linda e princesa, no baile real, Harry descobre-se bruxo e detentor de dons tão especiais quanto resistir ao poder demoníaco de lorde Voldemort, que, além de ser o assassino de seus pais e seu pior inimigo, quer dominar o mundo com as forças do mal. Harry Potter, protegido pelo amor materno, uma espécie de força contra todo sortilégio assassino, é o único que pode detê-lo.

Esse novo herói do século XXI é, na verdade, um pouco Tarzan, Huckleberry Finn, David Copperfield e tantos outros como lembra Contardo Caligaris. A orfandade e algumas características e situações vividas também o aproximam de heróis dos quadrinhos, como Batman, as personagens de X-man, ou do famoso Dungeons and dragons (Caverna do Dragão, no Brasil), desenho norte-americano, baseado no RPG de mesmo nome, que monopolizou a atenção de crianças e adolescentes nas décadas de 80 e 90.

O tempero dessa mistura talvez seja uma das chaves para entender o enigma Harry Potter. Rowling aliou o conhecimento dos clássicos infantis e personagens mundialmente conhecidos ao seu inquestionável talento para criar uma boa história, recheada de detalhes e surpresas. Talento e muito fôlego, há que se reconhecer também, haja vista o número crescente de páginas a cada novo título e a opinião, também crescente em elogios, dos leitores.

A idéia de um mundo paralelo diferente do real por ser um mundo de bruxos é explorada nos mínimos detalhes pela capacidade imaginativa da escritora de criar um espelho surpreendentemente rico em relações e inovações, as mais inusitadas possíveis, envolvendo objetos, criaturas, situações que exatamente por terem seu referente no mundo convencional se mostram completamente

novos e instigantes em sua nova roupagem do mundo paralelo. Como reconhecem os próprios leitores, em entrevista ao *Jornal da Lillian*, Rowling tem muita imaginação, o que é um dos pontos fortes das histórias: *Você entra num mundo que nunca imaginou que poderia existir, diz Mauricio Pinto Muniz (10 anos). A J. K. Rowling tem uma imaginação muito fértil. Ela conseguiu inventar um jogo com uma vassoura, complementa Eduardo Teodoro Bonoldi (10 anos).*

Em meio ao panorama atual da produção cultural para a criança, principalmente no Brasil, país onde a preocupação com a leitura é uma constante entre pais, educadores e instituições governamentais, um fenômeno como Harry Potter é, sem dúvida alguma, uma grata surpresa e um aceno esperançoso para a difusão do hábito de leitura entre os jovens, neste início de milênio. Conseguir que as crianças deixem de lado a televisão e a Internet para ler livros de trezentas, quinhentas páginas é *uma mágica de peso no currículo* desse pequeno bruxo, ainda um aprendiz de feiticeiro, como observou Fábio Zanini, em reportagem na *Folha de São Paulo*.

Talvez a resposta à questão inicial, que se impõe quando se pretende pensar a produção cultural para a criança na atualidade, possa começar a ser respondida pela via da literatura. As crianças continuam gostando de uma boa história, continuam se encantando com a fantasia que liberta e dá asas a novas possibilidades. Continua válido o que disse Bruno Bettelheim sobre o que é necessário para que uma história prenda a atenção da criança:

deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

A nova roupagem de Cinderela, na pele do bruxo Harry Potter, revitaliza e atualiza antigos mitos que falam a linguagem que a criança de ontem e de hoje entende: a linguagem da fantasia, da imaginação, da magia que encanta e liberta. Como observa a psicoterapeuta Leny Mrech, *a história de Harry Potter corresponde aos anseios de todas as crianças. Segundo ela, superar as dificuldades 'magicamente' é muito bom para o desenvolvimento intelectual e social. E voar numa vassoura é muito melhor do que voar num avião*, completa Tatiana Belinky, comentando o livro para o *Jornal da Lillian*. Certamente qualquer criança concordará com a escritora.

Na matéria de *Veja*, citada anteriormente, Harold Bloom lança uma pergunta ao entrevistador, mas se apressa ele mesmo em responder: *Você realmente acha que as crianças vão ler coisas melhores depois de ler Harry Potter? Eu acho que não*, ele diz. Esperemos que sim, dizemos nós. Esperemos que o prazer encontrado por tantos leitores nas histórias de Harry Potter seja buscado novamente nas páginas de outros livros. E o ideal é que esses outros livros também dêem prazer aos leitores. Propiciar à criança a descoberta de que a leitura pode ser prazerosa é um dos muitos méritos das histórias de J. K. Rowling. E isso é um grande passo para que a criança descubra igualmente que ler pode ser um entretenimento tão ou mais gratificante do que assistir a um filme ou a um desenho na televisão, pode ser uma aventura eletrizante, inesquecível. Quanto à linguagem de Rowling, sempre é bom lembrar que outros autores hoje considerados clássicos também sofreram críticas severas em seu tempo, como Charles Dickens, por exemplo, que teve seu *David Copperfield* acusado de ser um emaranhado de neologismos vulgares e hoje é considerado um documento humano extraordinário.

Harold Bloom está preocupado com a inexistência de leitores para livros difíceis, como os de Saramago, daqui a vinte ou trinta anos, porque as crianças de hoje estão crescendo cercadas por telas. No Brasil, estamos preocupados com a existência de leitores. Concorrer com o cinema, a televisão, os videogames e a Internet não é tarefa fácil. Talvez, por isso mesmo, os livros infantis tenham que se adaptar aos novos tempos falando de forma direta às crianças, em linguagem simples, sem que isso, necessariamente, deva ser sinônimo de baixa qualidade. Primeiro é preciso que o leitor descubra que ler é prazeroso. Só assim, acabará descobrindo também que ler é um ato de desvendamento de si e do mundo, de autoconhecimento e de aquisição de sabedoria, como quer o crítico norte-americano. E para quem descobrir isso não haverá textos difíceis, desde que consigam falar do homem ao homem. Harry Potter faz isso. Fala da criança à criança. E faz um pouco mais. Fala ao adulto também.

Talvez a mágica de Harry Potter seja mais simples do que se quer ver. Por isso, para encerrar, nada melhor do que o depoimento de Contardo Calligaris, que foi buscar sua reserva do exemplar de *Harry Potter e o cálice de fogo*, na madrugada de 07 de julho de 2000, numa livraria tomada por pais e crianças de pijamas, na pequena cidadezinha norte-americana de Brookline:

Não sei se Potter subirá ao firmamento da literatura juvenil como Tom Sawyer, Huckleberry Finn, Lord Fauntleroy, o Pequeno Príncipe, Dorothy do mundo de Oz e outros. O entusiasmo geral depõe a seu favor. Pois, ao redor de todas essas figuras, leitores adultos e jovens sempre se encontraram como hoje acontece com Potter.

Desde que há literatura no sentido moderno, muitos *best sellers* foram livros ditos infanto-juvenis, que obviamente não eram lidos só pelos jovens. Na verdade, eram sobretudo livros nos quais uma criança ou um adolescente é o herói.

Referências bibliográficas

BETELLHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CALIGARIS, Contardo. O segredo de Harry Potter. São Paulo, *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 13 jul. 2000, p. 10.

ÉPOCA, Cultura, O olhar infantil. 19 nov. 2001, p. 127-132.

FOLHINHA. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 19 fev. 2000, p. 5-9; 13 jul. 2000, p. 10; 13 jul. 2001, p. 6; 10 nov. 2001, p. 4-5; 15 dez. 2001, p. 4-5; 26 jan. 2002, p. 4-5; 12 jan. 2002, p. 3.

HENSHER, Philip. Obra não é um clássico literário. São Paulo, *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 19 fev. 2000, p. 5.

LA TAILLE, Yves de. Televisão, violência e infância. São Paulo, *Folha de São Paulo*, TVFolha, 18 mar. 2001, p. 2.

MOURA, Flávio. Penso, logo existo. Entrevista: Harold Bloom. São Paulo, *Veja*, 31 jan. 2001, p. 11-14-15.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

———. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

———. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

———. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TERRA – JORNAL DA LILIAN. <http://www.jornallilian.fimdesemana>, 23 nov. 2001.

VELLOSO, Beatriz. A magia de Harry Potter. São Paulo, *Época*, 5 nov. 2001, p. 93-102.

MEMÓRIAS DE TALBOT ROOM

Betty Yelda Brognoli Borges Fortes escreve **Memórias de Talbot Room**, recordações preciosas do **Seminário the Citizen in a Free Society**, realizado em Washington, durante quatro semanas, patrocinado pelo Departamento de Estado Americano e Carrie Chappman Catt Memorial, em 1961.

O livro expressa em estilo ligeiro, coloquial e ameno as impressões sobre o Seminário, além das impressões vividas nas visitas às cidades significativas. Perpassam sob as vistas do leitor: Washington, Los Angeles, São Francisco, Dallas, New México- Albuquerque, Santa Fé, San Juan, New York, Miami.

Fica a pergunta, como subtítulo das memórias: É a norte-americana uma civilização sem intérpretes?

As observações da doutora em Direito Internacional e da Filósofa Betty, são um interessante roteiro para penetrar no jogo cultural da grande Nação do Norte.

MEU NEGRO AMOR

Texto: Márcia Kupstas; Ilustração: André Freitas; Editora FTD

Lídia tinha tudo o que uma adolescente de classe média alta poderia querer. Estudava em um ótimo colégio, saía com as amigas e passava férias no Guarujá juntamente com toda a moçada. As coisas mudaram quando a família da jovem começou a se desintegrar e os acontecimentos deram uma virada no presente e futuro. Depois da separação de seus pais, Lídia e sua mãe, Marinês, deixaram a casa de São Paulo e, foram morar no Guarujá, no apartamento em que antes só passavam as férias. Fora da temporada, aquela cidade parecia fantasmagórica e ao invés de ver caras conhecidas, deu-se conta de que só havia "caíçarás" nas ruas. Se aquele lugar era maravilhoso durante as férias de verão, passou a ser um "castigo", na vida das duas.

Apesar de Lídia ter passado a estudar em colégio público, o suplício parecia maior para Marinês que começou a beber descontroladamente, tornando-se uma alcoólatra. Para ela, não era mais uma questão de esconder das amigas de São Paulo que, agora estudava em escola de "pobre". O triste era a humilhação de ter uma mãe bêbada, depressiva e que só arranjava confusão.

Foi por conta disso tudo que Lídia saiu de casa sem rumo, mas com o pensamento fixo, de que não valia a pena continuar naquela situação e então resolveu tirar sua própria vida. Ela entrou no mar sentindo suas ondulações e esperando que ele a levasse para o fundo e nunca mais a trouxesse à vida. Entre tosses, engasgos e vômitos, e repentinos de escuridão e luz, o destino resolveu pregar-lhe uma peça e quando ela menos esperava foi salva por um surfista, chamado Mateus.

Apesar de nunca admitir que ele lhe tinha salvado a vida, Lídia, com o tempo, deixou o orgulho de lado e começou a chorar em seus ombros, e a desabafar. Os dois ficaram amigos, foram afeiçoando-se e acabaram por namorar.

Tudo ia bem entre os dois até que a mãe com o pouco de lucidez que lhe sobrava, ficou furiosa porque Lídia estava namorando um rapaz com dois dos maiores defeitos que ela poderia listar: era negro e pobre. Com dificuldade de dialogar com a filha e, bêbada de tanto preconceito, Marinês telefonou para o ex-marido, que devido a "gravidade" da situação foi até o Guarujá para conversar com a filha.

O MISTERIOSO BAÚ DO VOVÔ

Texto: Márcia Kupstas; Ilustração: Jótah; Editora FTD

Reunir-se para comer no domingo, é tradição em muitas famílias. Na de Max não é diferente. Desde pequeno ele sabe que domingo é dia de ir para casa da nona Carmela, sua divertida avó italiana. Carlos e Afonso, irmãos de seu pai, são presenças obrigatórias, assim como suas tias e primos.

Nona Carmela é alegre, gorda e corada, e adora ver a família inteira devorando tudo o que ela cozinha. E, ela não aceita respostas negativas. Max adora visitá-la, pois na casa da nona tudo é permitido. E, com o sinal verde da avó, ele e a prima Bia, curtem muitas aventuras. O mesmo prazer o garoto não tem com os primos. Eles atormentam a vida do menino e, para mostrar que não é covarde acaba entrando no porão, o lugar mais assustador da casa e se dá mal. Max e Bia, pensando que era assombração, levam um grande susto dos primos.

Para acalmar os ânimos nona resolve ver fotos velhas com a família, e é aí que a aventura de Max e Bia começa. Enquanto olham uma foto antiga do sobrado, observam uma seta e uma frase que chamava a atenção "Mio Tesoro". Ao virar a foto perceberam que havia coordenadas, deixadas pelo nono Giusepe, que levam ao porão. Intrigada com isso, a dupla resolveu averiguar e foi vasculhar o porão. Depois de muito sofrimento e alguns sustos eles saem triunfantes de lá com o baú na mão. Acharam um tesouro, que vai mudar sentimentos dos dois.

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Trimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências